



UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL – UFFS
CAMPUS LARANJEIRAS DO SUL/PR
INTERDISCIPLINAR EM EDUCAÇÃO NO CAMPO - LICENCIATURA

VENILDA ESMERIO DA ROSA

MÚSICA NAS ESCOLAS DO CAMPO:
DIÁLOGOS SOBRE IDENTIDADE E CULTURA CAMPONESA

LARANJEIRAS DO SUL/PR
2015

VENILDA ESMERIO DA ROSA

**MÚSICA NAS ESCOLAS DO CAMPO:
DIÁLOGOS SOBRE IDENTIDADE E CULTURA CAMPONESA**

**Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação
apresentado como requisito para obtenção de grau de
Licenciado em Interdisciplinar em Educação do Campo da
Universidade Federal da Fronteira Sul.**

Orientadora: Prof. Dra. Patricia Guerrero

LARANJEIRAS DO SUL/PR

2015

VENILDA ESMERIO DA ROSA

MÚSICA NAS ESCOLAS DO CAMPO:
DIÁLOGOS SOBRE IDENTIDADE E CULTURA CAMPONESA

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado como requisito para obtenção de grau de Licenciado em Educação do Campo - Interdisciplinar da Universidade Federal da Fronteira Sul.

Orientadora: Profª. Drª. Patricia Guerrero

Este trabalho de conclusão de curso foi defendido e aprovado pela banca em:
10 / 12 / 2015.

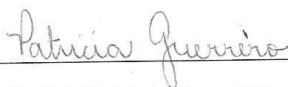
BANCA EXAMINADORA



Prof. Fábio Pontarolo - UFFS



Profª. Katia Aparecida Segnanfredo - UFFS



Profª. Drª. Patricia Guerrero - UFFS

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus pela força que tem me concedido, pela saúde, e fé de acreditar que conseguiria superar os obstáculos que foram surgindo ao longo do caminho.

Não poderia deixar de agradecer à minha família, aos meus pais João e Tereza, às minhas irmãs Vanessa e Verenice, ao meu irmão Misael, pela força, carinho, amor, incentivo e apoio. São pessoas que têm sido em minha vida a razão desta conquista.

A Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS, e sua equipe, a direção e administração, que oportunizaram meu ingresso no curso.

Em especial, quero agradecer à minha orientadora e eterna amiga, que abriu esses caminhos, sempre muito gentil e observadora. Tive orgulho de tê-la como orientadora, Prof^a Dr^a. Patricia Guerrero agradeço pela paciência, sugestões, pelas suas correções e incentivos que tornaram possível a conclusão deste trabalho.

Ao professor João Maria Teixeira e as crianças pelo carinho, pela recepção e atenção, trazendo um pouco de suas experiências com a música na escola.

Agradeço ao João Idênio Teixeira pela compreensão e que veio contribuir muito para a discussão do trabalho, trazendo pontos muitos ricos para a discussão.

Aos demais Professores que de uma maneira ou outra colaboraram para o andamento trabalho. Pelo tempo de dedicação, que de alguma forma contribuiu para que eu chegasse onde estou hoje.

E não poderia deixar de agradecer aos meus colegas, amigos(as), irmãs, pelo carinho, que proporcionaram ao longo de minha trajetória no curso, enfim a todos que de alguma forma contribuíram e fizeram parte da minha formação e conclusão deste trabalho, muito obrigado.

Estar no mundo sem fazer história, sem por ela ser feito, sem fazer cultura, sem tratar sua própria presença no mundo, sem sonhar, sem cantar, sem musicar, sem pintar, sem cuidar da terra, das águas, sem usar as mãos, sem esculpir, sem filosofar, sem pontos de vista sobre o mundo, sem fazer ciência ou teologia, sem assombro em face do mistério, sem aprender, sem ensinar, sem idéias de formação, sem politizar não é possível. É no inconclusão do ser, que se sabe como tal, que se funda a educação como processo permanente (FREIRE, 2000, p. 64).

RESUMO

Este trabalho foi realizado com base nas Diretrizes e na experiência de formação como futura educadora do campo, aprofundando, especialmente, os estudos sobre Cultura e Identidade. Tomando como foco da pesquisa o trabalho com a música, considerando-a como parte integrante na construção e valorização da cultura e identidade dos sujeitos do campo. O objetivo compreender se, e como, o trabalho com música nas escolas do campo tem contribuído, ou pode contribuir no processo de reconhecimento dos sujeitos do campo e na valorização da sua identidade. Esta pesquisa busca, também, discutir a importância da cultura na formação dos sujeitos do campo. Este trabalho divide-se em dois capítulos sendo o primeiro capítulo a Educação do Campo e a escola do campo: movimentos em construção e segundo, Música, identidade e cultura camponesa. Trabalho realizado por meio de observação e acompanhamento de atividades que envolveram as músicas trabalhadas pelo professor João Maria Teixeira, com os educandos das séries iniciais, da Escola Municipal Rural Raquel de Queiroz, no distrito do Passo Liso, em Laranjeiras do Sul/PR. Sendo realizado também uma entrevista com o acadêmico do curso Interdisciplinar em Educação do Campo - Licenciatura, João Idênio Teixeira, filho do professor, que tem desenvolvido, ao longo do curso, diferentes projetos interdisciplinares nas escolas da região. E como voluntário tem contribuído no trabalho com a música realizado na escola. Contribuindo de qualquer forma para a construção da escola do campo.

Palavras - chaves: Cultura; Identidade; Música; sujeitos do campo

ABSTRACT

SUMÁRIO

1INTRODUÇÃO	10
2A EDUCAÇÃO DO CAMPO E A ESCOLA DO CAMPO: MOVIMENTOS EM CONSTRUÇÃO	12
2.1CONSTRUINDO A ESCOLA DO CAMPO	13
3 MÚSICA, IDENTIDADE E CULTURA CAMPONESA	22
3.1MÚSICAS NAS ESCOLAS DO CAMPO	25
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	38
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	40
APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO	42

1 INTRODUÇÃO

A escolha do tema tem uma motivação pessoal. Estudo música há 6 anos e gostaria de inserir a música no meu trabalho como educadora, pois acredito que ela possa contribuir no processo de construção do conhecimento, no reconhecimento e fortalecimento da cultura e da identidade camponesa, além de me possibilitar trabalhar a interdisciplinaridade na escola.

As Diretrizes Curriculares da Educação do Campo, no estado do Paraná, apresentam quatro eixos temáticos para orientar a organização dos conteúdos escolares de acordo com as demandas da comunidade escolar e da comunidade local.

Esses eixos retratam problemáticas centrais a serem discutidas e trabalhadas no ambiente escolar do e no campo e estão divididos da seguinte maneira: 1) Trabalho: divisão social e territorial; 2) Cultura e Identidade; 3) Interdependência campo-cidade, questão agrária e desenvolvimento sustentável; 4) Organização política, movimentos sociais e cidadania.

Com base nas Diretrizes e na experiência de formação como futura educadora do campo, compreendo a necessidade de aprofundar, especialmente, os estudos sobre o segundo eixo temático: Cultura e Identidade. Para isso, tomo por base o trabalho com a música, como foco da pesquisa, considerando-a como parte integrante na construção e valorização da cultura e identidade dos sujeitos do campo.

Dessa forma, essa pesquisa tem por objetivo compreender se, e como, o trabalho com música nas escolas do campo tem contribuído, ou pode contribuir no processo de reconhecimento dos sujeitos do campo e na valorização da sua identidade. Esta pesquisa busca, também, discutir a importância da cultura na formação dos sujeitos do campo.

A cultura está relacionada a todos os aspectos da vida cotidiana de um grupo. É a partir dela que os sujeitos atribuem significados às suas ações e ao mundo que os cerca. É a partir da cultura que também compartilham valores, linguagem, gestos, práticas e códigos sociais.

Dessa forma compreende-se cultura como produção humana que vai se construindo a partir das relações entre seres humanos e deles com a natureza,

levando a diferentes modos de viver, de pensar, de fazer e à transformações sociais que se dão na ordem material e imaterial (simbólica).

Os aspectos da vida cotidiana, e seus códigos, são aprendidos socialmente e a escola tem assumido um papel significativo nesse processo de aprendizagem, ao mesmo tempo em que tem se convertido num espaço de encontros e de conflitos entre diferentes culturas, dentre elas, a cultura camponesa.

Nesse sentido, a música, como linguagem e como arte, tem integrado esse processo de construção e de aprendizado da cultura, nas suas mais diversas manifestações. Sendo assim, ela não se resume em atividades ou produtos artísticos, mas na capacidade de gerar e construir sentidos a partir de experiências adquiridas ao longo do processo de vivência e aprendizagem, ao longo do processo de produção de conhecimento.

De acordo com Bogo (2009, p.31), “no campo da arte surgem grupos que mantêm a tradição basicamente caipira, com suas músicas e rituais religiosos, danças típicas como o forró e o baião”. Portanto, vemos que, mesmo vivendo fora do ambiente camponês, muitos ainda mantêm na memória, nas recordações e nas suas práticas, as suas raízes. Esse é um quadro muito presente no cenário rural, pois muitas pessoas que viviam no campo tiveram que migrar para a cidade em busca de trabalho e melhores condições de vida. No entanto, não perderam e nem se esqueceram de suas raízes.

Como já foi dito, atualmente, a escola tem exercido um papel fundamental no processo de construção e reconhecimento da identidade camponesa, de valorização de suas raízes culturais e criação de vínculos entre os sujeitos do campo e seu lugar de pertencimento. Essa pesquisa busca, justamente, compreender qual o papel da música nesse processo dentro do ambiente escolar.

A metodologia foi qualitativa, com base em pesquisa participante, por meio de observação e acompanhamento de algumas atividades que envolveram as músicas trabalhadas pelo professor João Maria Teixeira, com os educandos das séries iniciais, da Escola Municipal Rural Raquel de Queiroz, no distrito do Passo Liso, em Laranjeiras do Sul/PR.

Juntamente com o diálogo com o professor João Maria, também foi realizada uma entrevista com o educando do curso Interdisciplinar em Educação do Campo - Licenciatura, João Idênio Teixeira, filho do professor, que tem desenvolvido, ao longo do curso, diferentes projetos interdisciplinares nas escolas da região. Por meio

desses projetos, de iniciativa própria, ele tem buscado articular as áreas da sua formação bem como tem aliado o trabalho com a música nas suas práticas educativas.

Além disso, foi realizada pesquisa bibliográfica sobre o tema, conversas informais com o educador João Maria e com seus educandos.

2 A EDUCAÇÃO DO CAMPO E A ESCOLA DO CAMPO: MOVIMENTOS EM CONSTRUÇÃO

O ensino regular em áreas rurais teve início no fim do Segundo Império, mas ele só foi implantado amplamente a partir da primeira metade do século XX. Nesse período, especialmente entre os anos 1910/1920, houve um processo de urbanização e industrialização crescente que provocou um intenso movimento migratório do campo para as áreas urbanas. A partir desse movimento, começaram a surgir organizações e programas de escolarização considerados relevantes para população rural, com a intenção de “fixar o homem ao campo” (CALAZANS, 1993).

Os programas, que se intensificaram a partir dos anos 30, marcavam a importância da escola na transformação do campo e dos “sujeitos rústicos do rural”, concebidos, nesse momento, como exemplo de atraso e ignorância.

Ainda hoje, a ideia de atraso é atribuída ao meio rural. Termos como *caipira*, *caboclo*, *colono*, *sem terra* retratam o caráter pejorativo e discriminatório voltado aos homens e mulheres do campo e reforçam, também, o lugar que estes ocupam numa sociedade de classes. De acordo com Kolling, Nery; Molina (1999, apud SOUZA, 2006, p.52):

As denominações *caipira*, *sertanejo*, *lavrador*, *colono*, *caboclo*, *sem-terra*, *assentado*, apresentam um conteúdo valorativo e de discriminação, uma vez que 'classificam os sujeitos como atrasados, preguiçosos, ingênuos e incapazes [...] as palavras exprimem as diferentes classes sociais, possuem significado histórico e político que perpassam as principais lutas de resistência camponesa do Brasil'.

É preciso, então, questionar o imaginário social que marca os sujeitos do campo e a sua condição de subalternidade, entendendo que esta condição é uma construção histórica, social e política.

De acordo com Ribeiro (2012), para que se possa definir educação rural é preciso começar pela identificação do sujeito a que se destina, de modo geral,

refere-se aos sujeitos que trabalham e moram nas zonas rurais, sujeitos que sobrevivem da agricultura e que recebem muitas vezes os menores rendimentos por seu trabalho. No entanto, para estes sujeitos é oferecida uma educação igual a que é oferecida aos sujeitos das escolas de áreas urbanas, ou seja, não se trabalha na escola rural as especificidades dos que nela frequentam. Segundo a autora:

Os filhos dos camponeses experimentam uma necessidade maior de aproximação entre o trabalho e o estudo, visto que a maior parte deles ingressa cedo nas lidas da roça para ajudar a família, de onde se retira a expressão agricultura familiar. Mas na escola apenas se estuda, e este estudo nada tem a ver com o trabalho que o camponês desenvolve com a terra. Assim, o trabalho produtivo articulado à unidade familiar que se envolve com este trabalho assume papel essencial no processo educativo de ingresso e participação ativa do camponês no corpo social (RIBEIRO, 2012, p. 295).

Percebe-se, com isso, que muito do que se aprende na escola rural não está articulado à vida dos sujeitos que trabalham e vivem no campo. A Educação do Campo vem, justamente, questionar essa realidade e propor uma nova concepção de escola e de educação que considere o modo de vida camponês, onde o trabalho, a cultura, a organização social, a luta pela terra, a história do povo ocupam um lugar importante nos processos educativos.

2.1 CONSTRUINDO A ESCOLA DO CAMPO

O Movimento pela Educação do Campo surge a partir das experiências educativas e lutas do Movimento dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais Sem Terra (MST). De acordo com Souza (2006, p.57):

O MST vem sendo um dos sujeitos centrais na luta pela Educação do Campo, pensando as áreas de assentamento e acampamentos especialmente. Trata-se de uma proposta que tenta desenvolver uma concepção humanista e crítica da educação, sustentada em teorias da aprendizagem sociocultural.

É importante destacar alguns eventos que deram início a esse Movimento. No ano de 1997, ocorreu o I Encontro Nacional de Educadores e Educadoras da reforma Agrária (ENERA), onde as experiências educativas do MST puderam ser socializadas. No ano seguinte, em 1998, foi realizada a I Conferência Nacional por

uma Educação Básica do Campo, que marca o início dessa luta, a sua inserção na agenda política nacional e “estabelece nova referência para o debate e a mobilização popular: Educação do Campo, não mais educação rural” (BELTRAME; CARDOSO; NAWROSKI, 2011, p.116). A discussão principal, nesse momento, era como garantir que todas as pessoas do meio rural tivessem acesso a uma educação de qualidade, voltada aos interesses da vida no campo.

Em 2004, ocorre a II Conferência Nacional da Educação do Campo. Essa Conferência marca a relação entre o Estado brasileiro e as organizações e movimentos sociais no que diz respeito à educação escolar dos povos que vivem no campo, fortalecendo o debate sobre a “efetivação de uma política pública permanente para a Educação do Campo”. (BELTRAME, CARDOSO, NAWROSKI, 2011, p. 116).

De acordo com Souza (2006, p. 58):

Na trajetória da Educação do Campo é possível visualizar o papel do Estado, dos organismos internacionais, da sociedade civil organizada, dos mediadores (igrejas e ONGs) e das universidades e governos. No movimento das lutas e reivindicações sociais do século XX e no processo de construção da democracia, os movimentos sociais ampliaram o seu leque de temáticas e direitos sociais focalizados nas suas ações e manifestações. A luta pela educação indígena, pela educação nos acampamentos e assentamentos, nos espaços dos quilombolas tornou-se visível na sociedade e conquistou espaço na legislação educacional.

Vale destacar que a Legislação Brasileira, por meio da LDB 9.394/96, passou a promover e a contemplar as especificidades dos sujeitos do campo e a garantir uma educação de qualidade para todos. Essa Lei marca a inserção da educação do campo na agenda política e na política educacional. A partir dela, abre-se um espaço legal para discussão de políticas públicas para a educação do campo. A LDB 9.394/96 estabelece, no Art. 28, que:

- Na oferta da educação básica para a população rural, os sistemas de ensino promoverão as adaptações necessárias à sua adequação, às peculiaridades da vida rural e de cada região, especialmente:
- I- conteúdos curriculares e metodologias apropriadas às reais necessidades e interesses dos alunos da zona rural;
 - II- organização escolar própria, incluindo a adequação do calendário escolar as fases do ciclo agrícola e as condições climáticas;
 - III- adequação à natureza do trabalho na zona rural.

Essa lei trouxe, ainda, uma mudança muito significativa, pois, ao invés de se pensar numa adaptação do ensino urbano para o rural, ela propõe-se uma *adequação* da escola à vida do campo. Institui-se, assim, uma nova forma de organizar a política de atendimento escolar no país, não satisfazendo mais às meras adaptações do urbano para o rural, mas considerando a especificidade e a diversidade do campo.

Surgem, então, novos parâmetros para a definição de políticas públicas, a partir do momento em que se passa a reconhecer a diversidade sociocultural e as especificidades regionais e locais sem, no entanto, romper com um projeto nacional de educação que garanta, ao mesmo tempo, o direito à igualdade e à diferença.

Em 2001, são aprovadas as Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo, onde se destaca que:

A Educação do Campo, tratada como Educação Rural na legislação brasileira, tem um significado que incorpora os espaços da floresta, da pecuária, das minas e da agricultura mas os ultrapassa ao acolher em si os espaços pesqueiros, caçaras, ribeirinhos e extrativistas. O campo, nesse sentido, mais do que um perímetro não-urbano, é um campo de possibilidades que dinamizam a ligação dos seres humanos com a própria produção das condições da existência social e com as realizações da sociedade humana (BRASIL, 2001, p. 1).

Assim como a Lei 9.394/96, a aprovação das Diretrizes também representa um importante avanço na construção do Brasil rural, na construção de um campo de vida, onde a escola é espaço essencial para o desenvolvimento humano, bem como a conquista da terra.

Seja por meio da legislação ou por meio das lutas concretas e cotidianas dos movimentos sociais do campo, percebe-se que, de sujeito excluído, “preguiçoso”, “caipira”, o homem do campo passa a ser visto e tratado como sujeito de direitos, com uma luta legítima por terra, educação e políticas públicas que garantam a vida do e no campo.

É importante destacar, ainda, que o campo além de ser um lugar de produção e reprodução da vida, é um espaço de inúmeras possibilidades e também de disputas. Para Souza (2006), o campo não é mais o espaço do “atraso” como percebido durante tantos anos. Trata-se da inovação, desencadeando assim a luta pelos seus direitos, buscando possibilidades de afirmação da identidade e

construção de uma vida digna. Sendo assim, a educação do campo é um movimento idealizado e construído a partir dos sujeitos que integram o campo.

A Educação do Campo surge, então, dos movimentos sociais e ao longo de sua trajetória vai agregando novos sujeitos, organizações, entidades, buscando a construção de uma sociedade igualitária, democrática, justa, construída a partir da classe trabalhadora. De acordo com Ribeiro (2012, p. 298), “a educação do campo não admite a interferência de modelos externos, e está inserida em um projeto popular de sociedade, inspirado e sustentado na solidariedade e na dignidade camponesas”

Ela se define como uma ação organizada pelos e com os camponeses na luta por políticas públicas, decorrentes da expropriação de suas terras e de seu trabalho pelo avanço do modelo agrícola hegemônico. A luta dos trabalhadores para garantir o direito à escolarização e ao conhecimento faz parte das suas estratégias de resistência. Segundo Caldart (2012, p. 264):

A escola tem sido objeto central das lutas e reflexões pedagógicas da Educação do Campo pelo que representa no desafio de formação dos trabalhadores, como mediação fundamental, hoje, na apropriação e produção do conhecimento que lhes é necessário, mas também pelas relações sociais perversas que sua ausência no campo reflete e sua conquista confronta.

Nesse sentido, a escola representa a mediação necessária para que os sujeitos do campo se apropriem do conhecimento historicamente acumulado e que produzam conhecimentos a partir do diálogo entre a vida e a ciência.

Por outro lado, é importante ressaltar o campo como espaço de produção e reprodução da existência. Sendo assim, a educação do campo se constrói na escola e para além dela. É a história do povo, a cultura, a vida cotidiana se reproduzindo pelo trabalho, pela luta diária para que os camponeses, os ribeirinhos, os povos indígenas, os povos da floresta, os quilombolas, acampados, assentados, sejam respeitados como cidadãos e tenham seus direitos garantidos e legitimados.

A educação do campo busca a valorização da cultura, do modo de vida do povo camponês, visando educar os sujeitos de forma que os mesmos sejam protagonistas de sua própria história, transformando o meio onde vivem e a sua realidade, através do conhecimento e da luta por terra e políticas públicas. Segundo Arroyo, Caldart e Molina (2008, p. 12):

A Educação do Campo traz, então, uma grande lição e um grande desafio para o pensamento educacional: entender os processos educativos na diversidade de dimensões que os constituem como processos sociais, políticos e culturais; formadores do ser humano e da própria sociedade.

É neste sentido que a escola do campo assume o compromisso de contribuir no processo de humanização e de formação dos novos sujeitos do campo (militantes sociais e trabalhadores), como bem aponta Caldart (2012, p. 327):

A concepção de escola do campo nasce e se desenvolve no bojo do movimento da EDUCAÇÃO DO CAMPO, a partir das experiências de formação humana desenvolvidas no contexto de luta dos movimentos sociais camponeses por terra e educação. Trata-se, portanto, de uma concepção que emerge das contradições da luta social e das práticas de educação dos trabalhadores do e no campo.

Assim, a concepção de escola do campo se enraíza na luta da classe trabalhadora pela superação do sistema capitalista. Os sujeitos do campo fazem parte desta luta pelo acesso ao conhecimento e pela garantia do direito à escolarização. Conforme dito por Caldart (2008, p. 30): “Compreender o lugar da escola na Educação do Campo é ter claro que ser humano ela precisa ajudar a formar, e como pode contribuir com a formação dos novos sujeitos sociais que se constituem no campo hoje”.

Deste modo, o papel fundamental da escola do campo é contribuir para a formação destes sujeitos, e isto implica em transformar o projeto político pedagógico da escola, a organização do trabalho pedagógico e assumir uma gestão democrática com a participação da comunidade. Ainda segundo Caldart (2008, p. 30):

Não se trata de propor algum modelo pedagógico para as escolas do campo, mas sim de construir coletivamente referências para processos pedagógicos a serem desenvolvidos pela escola, que lhe permitam ser obra e identidade dos sujeitos que ajuda a formar, com traços que a identifiquem com o projeto político e pedagógico da Educação do Campo.

É a partir de ações concretas, dentro e fora da sala de aula, que é possível associar escola e comunidade, onde os processos educativos dialoguem com a realidade do campo e sejam idealizados e construídos pelos seus sujeitos. Esse é um dos pontos de divergência entre a educação rural e educação do campo, como é possível perceber na fala de Antunes-Rocha (2010, p.141):

A Educação Rural, tal como foi projetada, foi um projeto que visava contribuir para a construção da sociedade moderna. Nessa tarefa, a educação teria a função de possibilitar as ferramentas necessárias para que as pessoas pudessem sair da condição de excluídos. A Educação do Campo germina na luta dos povos do campo. Ganha materialidade na prática concreta de diferentes coletivos. E se coloca como espaço mobilizador para reflexão, produção de conhecimento e de intervenção sobre o modelo de escola, de campo e de sociedade.

A escola, no projeto da Educação do Campo, apresenta alguns aspectos que merecem destaque: a socialização e a construção de uma visão de mundo e o cultivo de identidades (CALDART, 2008).

Deste ponto de vista, a autora discute que a socialização é uma tarefa histórica, específica e importante atribuída à escola, embora não seja exclusiva dela. Dessa forma, é preciso compreendê-la como espaço de vivência de tempo e de relações sociais. A autora também coloca que:

A Educação do Campo precisa incluir em seu projeto pedagógico uma reflexão cuidadosa e mais aprofundada sobre como acontecem no cotidiano da escola os processos de socialização, sua relação com a conservação e a criação de culturas, fazendo também a reflexão específica sobre que traços de socialização são importantes na formação dos sujeitos do campo hoje (CALDART, 2008, p. 31).

Desse modo, a escola socializa pelas formas de organização do trabalho pedagógico, de participação e de práticas que os sujeitos desenvolvem no seu cotidiano escolar. A autora ainda acrescenta que na construção de uma visão de mundo, as escolas muitas vezes trabalham com a fragmentação dos conteúdos, sem estabelecer relações entre eles e muito menos com a vida, o que acaba por trabalhar “conteúdos sem sentido”, como “ideias soltas”. Caldart (2008, p.31) destaca que:

É tarefa específica da escola ajudar a construir um ideário que orienta a vida das pessoas, e inclui também as ferramentas culturais de uma leitura mais precisa da realidade em que vivem. E ajudar a construir uma visão de mundo significa também enraizar as pessoas na história, para que se compreendam como parte de um processo histórico. E isso tudo para tornar consciente, explicitar, interpretar, questionar, organizar, firmar ou revisar idéias e convicções sobre o mundo, sobre a história, sobre a realidade mais próxima, sobre si mesmos.

Para que a escola, então, cumpra seu papel de ajudar a construir um ideário, é necessário que a escolha dos conteúdos, das atividades de estudos e de

aprendizados a serem trabalhados, não seja aleatória. De acordo com Beltrame, Cardoso e Nawroski (2011, p. 101):

A experiência educativa desenvolvida pelos professores nas escolas do meio rural ganha mais sentido à medida que incorpora características culturais da vida no campo, valorizando peculiaridades que compõem o repertório e marcam a trajetória das populações que ali vivem.

Sendo assim, a escola deve valorizar e conhecer o modo de organização e o modo de vida dos sujeitos do campo e as especificidades do meio onde vivem para torná-los parte do trabalho escolar.

Outro aspecto que merece destaque, segundo Caldart, na escola do campo é o cultivo de identidades. A partir dele, busca-se trabalhar com os processos de formação, de percepção e os vínculos das pessoas com as suas identidades sociais. A autora também destaca três aspectos que a escola deveria trabalhar com mais ênfase para contribuir no cultivo de identidades, como: auto-estima, memória e resistência cultural e militância social.

Em relação à autoestima, Beltrame, Cardoso e Nawroski (2011, p.102) acrescenta que “a escola, vista na lógica da educação do campo, ressignifica as especificidades desse contexto, possibilitando a elevação da autoestima e autoconfiança das populações, buscando uma vida digna neste espaço”. Dessa forma, a escola é importante para a formação dos sujeitos do campo, fazendo com que os mesmos tomem uma nova consciência de sua condição, que valorizem seus saberes, o seu lugar de pertencimento e o seu lugar enquanto sujeito de direitos.

Com relação à memória e à resistência cultural, Caldart (2008, p. 32), aponta que “a escola precisa ser transformada, recriada a partir da interação com outras culturas, mas que precisa ser conservada; porque nem é possível fazer formação humana sem trabalhar com raízes e vínculos; porque sem identificar raízes não há como ter projetos” Isto significa que a escola precisa trabalhar com as raízes culturais e com a memória dos sujeitos para poder construir algo novo. É preciso saber qual a base histórica e quais as referências socioculturais que sustentam o coletivo. Para que isso seja trabalhado na escola, a autora indica alguns caminhos:

Um bom jeito de trabalhar isso na escola é, por exemplo, contar histórias e estórias que tenham a memória do grupo como referência, assim como

trabalhar com diferentes linguagens artísticas que expressem a cultura camponesa e a coloquem em diálogo com outras culturas. Também aqui é necessário um aprofundamento sobre como acontecem os processos culturais e a formação da memória coletiva de um grupo e de sua consciência histórica, e sobre como isso deve ser trabalhado pedagogicamente nas diferentes faixas etárias e na especificidade das atividades escolares. (CALDART, 2008, p. 32),

Esta é uma maneira que a autora coloca para que se trabalhe nas escolas a memória de cada grupo que compõe o ambiente escolar, para que assim os (as) educandos (as) possam perder o medo de dizer que são filhos de camponeses, filhos de militantes, etc. Essa é uma forma de aprender a valorizar a história dos seus antepassados, de aprender com o passado para projetar o futuro. É isto que a educação do campo propõe: que os sujeitos sejam construtores de sua própria história sem esquecer-se de onde vieram.

Como último aspecto a ser considerado no cultivo das identidades, nas escolas do campo, Caldart (2008, p. 32), enfatiza a militância social. Segundo ela:

A escola deve ajudar no aprendizado da construção de utopias sociais, porque são elas que permitem relacionar a identidade pessoal com as grandes questões da humanidade; da mesma forma deve se preocupar com a formação da disponibilidade pessoal à militância capaz de transformar essas utopias em projetos que mobilizem grandes massas, e em obras que já iniciem sua concretização.

Desta forma, a escola do campo coloca em movimento diferentes projetos pessoais e coletivos, diferentes utopias, que precisam ser construídas, discutidas e fortalecidas no cotidiano escolar para que possam se transformar em ações concretas. A letra da música *Construtores do Futuro*, do compositor Gilvan Santos¹, reflete um pouco desse desejo, dessa utopia, de como deve ser uma escola do campo.

Eu quero uma escola do campo
que tenha a ver com a vida, com a gente
querida e organizada
e conduzida coletivamente

Eu quero uma escola do campo
que não enxergue apenas equações
que tenha como “chave mestra”

¹ Em 2004, o Setor de Educação do MST produziu o CD *Cantares da Educação do Campo*.

o trabalho e os mutirões

Eu quero uma escola do campo
que não tenha cercas que não tenha muros
onde iremos aprender
a sermos construtores do futuro

Eu quero uma escola do campo
onde o saber não seja limitado
que a gente possa ver o todo
e possa compreender os lados

eu quero uma escola do campo
onde esteja o ciclo da nossa semente
que seja como a nossa casa
que não seja como a casa alheia.

Como retrata a música, na escola do campo, o conhecimento científico precisa fazer relação com a vida dos seus sujeitos. A sua organização e condução precisa ser coletiva, com a participação de todos da comunidade escolar e da comunidade local. No próximo capítulo, procurarei discutir como a música pode ser um caminho para fortalecer a identidade e a cultura camponesa na construção da escola do campo.

3 MÚSICA, IDENTIDADE E CULTURA CAMPONESA

No capítulo anterior, enfatizou-se que a escola do campo precisa conhecer e valorizar as práticas cotidianas e o modo de organização da vida dos sujeitos do campo. Isso implica, também, em dizer, que as práticas pedagógicas precisam estar atentas e necessitam incorporar no cotidiano da escola as manifestações culturais desenvolvidas no meio rural, de modo a fazer as mediações necessárias com o conhecimento universal (BELTRAME; CARDOSO; NAWROSKI, 2011).

A matriz formativa da cultura tem desempenhado um papel de extrema importância no processo de construção da escola do campo. Para Bogo (2009, p.10), “é evidente que, mesmo excluído do trabalho produtivo, o ser humano desenvolve a cultura, pois esta ‘é a produção da própria vida’ em qualquer circunstância” Deste ponto de vista entende-se que cultura é tudo o que existe na natureza e que vai sendo transformada, constantemente, pelo esforço do ser humano, dando sentido à sua existência. Sá (2010, apud SARAIVA, 2015, p.62) complementa a idéia de Bogo.

Compreender a ‘cultura como um contexto’ recupera a importância do território onde homens e mulheres fazem cultura. É no território que os grupos humanos se estabelecem social e culturalmente, de acordo com as formas coletivas que permitem a reprodução do seu modo de vida, e constituem sua identidade cultural.

A cultura como contexto está entrelaçada ao território e, dessa forma, constrói identidades e se relaciona com a experiência vivida e produzida pelos sujeitos no seu meio social. Neste sentido, a identidade é construída a partir das experiências que o sujeito vai adquirindo no decorrer da história, da vida, no seu lugar de pertencimento ou de existência e a partir das relações que estabelece com o lugar e com as pessoas. A construção das identidades se dá a partir das relações estabelecidas, neste sentido, ela não é fixa, como bem aponta Hall (1996, p.70 apud SARAIVA, 2015, p. 64):

(...) A identidade cultural não é jamais uma essência fixa que se mantenha imutável, fora da história e da cultura. Nem é, dentro de nós, algum espírito transcendental e universal no qual a história não fez marcas fundamentais. ‘Também não é de uma vez para sempre’. Não é uma origem fixa à qual possamos fazer um retorno final e absoluto. E é claro, não é um simples

fantasma. Mas é alguma coisa – não é um mero artifício da imaginação. Tem suas histórias – e as histórias por sua vez, têm seus efeitos reais, materiais e simbólicos. O passado continua a nos falar. Mas já não é como um simples passado factual que se dirige a nós, pois nossa relação com ele, como a relação de uma criança com a mãe, é sempre já ‘depois da separação’. É construída sempre por intermédio da memória, da fantasia, narrativa e mito. As identidades culturais são os pontos de identificação ou sutura, feito no interior dos discursos da cultura e da história.

No entanto, muitas vezes, a identidade é marcada por um imaginário social que desqualifica o outro, retratando-o de maneira negativa e preconceituosa. Quando nos referimos à identidade camponesa, nos confrontamos, em muitos momentos, com discursos sobre o rural brasileiro e sobre os sujeitos do campo que reforçam essas imagens. É importante questioná-las e problematizá-las, como faz Bogo (2009, p. 14), no trecho que segue abaixo:

Por outro lado, como identidade, a elite procura conservar o símbolo cultural pejorativo e preconceituoso, que é o “Jeca Tatu”, para fazer a luta ideológica omitindo, assim, o lado saudável da cultura camponesa, a convivência pacífica com os vizinhos, a prática dos mutirões, o empréstimo de objetos, as festas folclóricas, a sabedoria popular sobre os movimentos da natureza, a música e a verdadeira arte popular. Chapéus rasgados, dentes podres e botinas furadas – isso é lixo cultural que não nos identifica.

As elites usam esta imagem para fazer o confronto ideológico com a organização de classe, porque sem os camponeses o campo perde seu devido equilíbrio. É através deles que a humanidade até hoje sobrevive, pois são os responsáveis pela produção de alimento no mundo. É preciso ressaltar “o lado saudável da cultura camponesa”, as práticas sociais que fortalecem os vínculos entre as pessoas e a natureza, a simplicidade no jeito de ver e viver a vida, o respeito a todos os seres e a terra, a riqueza e beleza das manifestações da cultura popular, os saberes tradicionais, a sociabilidade e a solidariedade presente no trabalho coletivo e comunitário.

No contexto escolar, uma das formas de discutir a identidade e a cultura camponesa, e também de problematizar as disputas econômicas que envolvem o campo, é por meio da arte. No caso desta pesquisa, enfatizamos o trabalho com a música. Inclusive, alguns pesquisadores ressaltam que a cultura caipira, nos dias atuais, procura se desfazer das imagens negativas do campo, como é possível perceber neste trecho:

[A cultura caipira] sobrevive no imaginário nacional, sobretudo em letras de

músicas, quase sempre produzidas pelo homem urbano. Essa música procurou ao longo dos anos se desfazer das imagens negativas do Jeca Tatu e traduzir para o imaginário coletivo um Brasil rural cheio de histórias e virtudes (CHAVES, 2006, p. 31).

A pesquisa desenvolvida por Chaves (2006, p. 31) sobre o ensino de história utilizando a música brasileira ressalta, também, que a música caipira tem desempenhado um papel interessante para compreender a cultura nacional e as suas transformações ao longo do tempo.

Para se compreender a música caipira, como elemento da cultura nacional, é preciso relembrar que na década de 1920, surgem no Brasil estudos de resgate dessa cultura, denominada popular, e novas discussões são travadas na direção de se opor passado e presente, a música passando a ser entendida como uma das formas de resgate do passado.

O autor destaca que foi a partir desse período que surgiram as primeiras canções caipiras gravadas em disco, como a célebre “Tristezas do Jeca”, composta por Angelino de Oliveira, em 1918. Desde então, a música caipira começou a ser resgatada, e o trabalho com essas canções permitem-nos, hoje, ressignificar a história e a memória do rural brasileiro.

No entanto, Bogo (2009, p. 18), chama atenção para o fato de que “não podemos considerar cultura somente aquilo que está ligado com a arte. A arte é a capacidade de criar músicas, mas também de criar as lutas, as escolas, as casas, o método de fazer reuniões, as marchas, etc”. Tudo isso vai se transformando em cultura e o que precisamos fazer, segundo o autor, é tornar estes gestos e hábitos do cotidiano em hábitos conscientes, de modo a melhorar e a aprimorar o nosso modo de vida.

Percebe-se que vem ocorrendo mudanças significativas nas composições das letras das músicas e no trabalho desenvolvido a partir dessas composições. Elas apresentam muitas temáticas que podem ser desenvolvidas no contexto escolar, pois retratam a diversidade do mundo rural. Para Chaves (2006, p. 37):

Embora não produzida com a finalidade de ser pedagógica, a música caipira pode ser utilizada, em escola, pelos professores, em aulas de história, como fonte a partir da qual os alunos podem se aproximar das formas como diferentes grupos sociais produzem realidades sociais diversas. No caso específico da música caipira que carrega, a exemplo da música urbana,

uma gama de metáforas, simbologias, é possível pensar que pode auxiliar alunos e professores na construção do conhecimento histórico, despertando a capacidade de analisar, a partir da comparação, épocas e sociedades diferentes, corrigindo idéias preconceituosas que acabaram por se tornar cânones ao longo da História.

Nesta perspectiva, é possível pensar a música como auxílio na construção do conhecimento não só na disciplina de história. Se analisarmos bem, a música pode ser um caminho para trabalhar a interdisciplinaridade, seja através dos conteúdos e temas das músicas, do seu teor cultural e sócio-político ou da própria estrutura musical, como a métrica, a contagem, melodia, até a propagação do som.

A seguir, apresentarei uma experiência de trabalho com música realizada por um professor de uma escola municipal de Laranjeiras do Sul, e uma reflexão sobre o trabalho com música nas escolas do campo realizada por um educando do curso de Licenciatura em Educação do Campo da UFFS, filho deste professor.

3.1 MÚSICAS NAS ESCOLAS DO CAMPO

Quando escolhi pesquisar o trabalho com música nas escolas do campo, não sabia por onde começar. Já conhecia o professor João Maria Teixeira, que é pai de um colega da Licenciatura, e já tinha visto algumas apresentações de seus alunos na UFFS.

O professor João Maria Teixeira trabalha na Escola Municipal Rural Raquel de Queiroz, no distrito do Passo Liso, município de Laranjeiras do Sul/PR. A primeira escola no Passo Liso foi criada em 1942, por meio de uma reivindicação da comunidade, em um local cedido por um dos moradores que possuía uma casa grande e sem uso. Essa casa funcionou como escola e morada do professor por alguns anos. Como na época não existia secretaria de educação, os professores eram escolhidos pelo prefeito. Durante muitos anos, a escola funcionou no sistema multisseriado.

A Escola Raquel de Queiroz, ao longo desses 70 anos, passou por várias mudanças e funcionou em diversos locais diferentes. Hoje, ela possui uma estrutura de boa qualidade, sendo uma das melhores e bem equipadas do município. No dia 03 de setembro de 2012, as aulas passaram a ser ministradas no novo prédio.

Apesar do professor João Maria Teixeira ministrar aulas nos anos iniciais, e também no pré, pensei que poderia trazer um pouco da sua experiência para discutir a relação entre a música, a identidade e cultura camponesa nas escolas do campo. Mesmo que eu não vá atuar nos anos iniciais², o contexto social é o mesmo e é com este enfoque que gostaria de abordar o tema.

Acompanhei a atividade do professor em alguns momentos³. Para ele, a música possibilita fazer várias relações com os conteúdos a serem trabalhados na escola e com a vida dos estudantes, bem como com a vida da comunidade. Além disso, segundo o professor, ela também contribui na fala, na escrita e na desenvoltura dos alunos, pois, como ele diz: *“só o cantar com as crianças ajuda muito, porque eles são muito envergonhados”*.

Numa das visitas à escola, o professor tinha trabalhado a música Reino Encantado, composição de Valdemar Reis e Vicente Machado⁴, com a turma do 3º ano do Ensino Fundamental. Ele levou a música para as crianças ouvirem e propôs uma atividade escrita, na qual elas deveriam completar os espaços em branco com palavras da canção. Essas palavras destacavam elementos do cotidiano de quem vive no campo. Ao mesmo tempo, a música traz uma história vivida por muitos agricultores da região que, por se sentirem pressionados, em determinado momento acabam vendendo suas terras para os fazendeiros e vão morar na cidade.

Segundo o professor João relatou muito dos pequenos agricultores deixaram a região. Numa das comunidades vizinhas, praticamente todas as pequenas propriedades foram compradas por três fazendeiros. Os agricultores que não foram para a cidade, trabalham agora como empregados nessas fazendas. A música conta a seguinte história:

Eu nasci num recanto feliz
Bem distante da povoação
Foi ali que eu vivi muitos anos
Com papai e mamãe e os irmãos

Nossa casa era uma casa grande
Na encosta de um espigão
Um cercado pra aparta bezerro

² O curso Interdisciplinar em Educação no Campo – Licenciatura forma para as séries finais do Ensino Fundamental e para o Ensino Médio.

³ Na escola, foram 3 encontros ao todo. Numa delas, realizei uma entrevista com o professor.

⁴ Essa música foi gravada por vários cantores sertanejos. A gravação, apresentada aos alunos, foi feita pelo cantor Daniel.

E ao lado um grande mangueirão

No quintal tinha um forno de lenha
E um pomar onde as aves cantava
Um coberto pra guardar o pilão
E as traíás que papai usava

De manhã eu ia no paiol
Uma espiga de milho eu pegava
Debuiava e jogava no chão
Num instante as galinhas juntava

Nosso carro de boi conservado
Quatro juntas de bois de primeira
Quatro cangas, dezesseis cansis
Encostados no pé da figueira

Todo sábado eu ia na vila
Fazer compras para semana inteira
O papai ia gritando com os bois
Eu na frente ia abrindo as porteiras.

Nosso sítio que era pequeno
Pelas grandes fazendas cercado
Precisamos vender a propriedade
Para um grande criador de gado

E partimos pra a cidade grande
A saudade partiu ao meu lado
A lavoura virou colônia
E acabou-se meu reino encantado

Hoje ali só existe três coisas
Que o tempo ainda não deu fim
A tapera velha desabada
E a figueira acenando pra mim

E por último marcou saudade
De um tempo bom que já se foi
Esquecido em baixo da figueira
Nosso velho carro de boi

Não dá para pensar a educação do campo, sem pensar e sem discutir quais são os diferentes projetos de campo em disputa no mundo rural; quais são as diferentes lógicas de produção, a quem servem e de quem tiram. De acordo com Caldart (2008, p. 3):

A Educação do Campo nasceu tomando/precisando tomar posição no confronto de projetos de campo: contra a lógica do campo como lugar de negócio, que expulsa as famílias, que não precisa de educação nem de escolas porque precisa cada vez menos de gente, a afirmação da lógica da produção para a sustentação da vida em suas diferentes dimensões,

necessidades, formas. E ao nascer lutando por direitos coletivos que dizem respeito à esfera do público, nasceu afirmando que não se trata de qualquer política pública: o debate é de forma, conteúdo e sujeitos envolvidos. A Educação do Campo nasceu também como crítica a uma educação pensada em si mesma ou em abstrato; seus sujeitos lutaram desde o começo para que o debate pedagógico se colasse à sua realidade, de relações sociais concretas, de vida acontecendo em sua necessária complexidade.

Segundo o professor João, *“a música está incorporada no currículo e faz relação com todas as matérias. Além do mais, o professor aproveita na verdade tudo o que acha que dá para ser trabalhada (explora todas as matérias) [com a música]”*. A seguir, destaco mais uma música trabalhada pelo professor: *Herdeiro da Pampa Pobre*, composição do Gaúcho da Fronteira.

Mas que pampa é essa que eu recebo agora
Com a missão de cultivar raízes
Se dessa pampa que me fala a estória
Não me deixaram nem se quer matizes?

Passam as mãos da minha geração
Heranças feitas de fortunas rotas
Campos desertos que não geram pão
Onde a ganância anda de rédeas soltas

Se for preciso, eu volto a ser caudilho
Por essa pampa que ficou pra trás
Porque eu não quero deixar pro meu filho
A pampa pobre que herdei de meu pai

Herdei um campo onde o patrão é rei
Tendo poderes sobre o pão e as águas
Onde esquecidos vive o peão sem leis
De pés descalços cabrestando mágoas

O que hoje herdo da minha grei chirua
É um desafio que a minha idade afronta
Pois me deixaram com a guaiaca nua
Pra pagar uma porção de contas

Refrão

Eu não quero deixar pro meu filho
A pampa pobre que herdei de meu pai
Eu não quero deixar pro meu filho
A pampa pobre que herdei de meu pai

Essa música foi escolhida para trabalhar o tema meio ambiente. Segundo o professor João, ele planeja suas aulas de acordo com a proposta curricular. A partir do tema a ser desenvolvido na escola, ele pesquisa uma música que possa se

adequar à proposta. No caso do *Herdeiro da Pampa Pobre*, a atividade desenvolvida com os alunos começou em sala e se estendeu à comunidade. Fizeram a leitura da música, cantaram, elaboraram um texto e saíram pelos arredores, com binóculos, para observar o terreno e as mudanças na região.

Ao observarem os arredores da escola e as propriedades rurais, foram conversando sobre as transformações deste território. Onde hoje se vê lavoura, era uma área de araucárias, onde se vê plantação de eucaliptos, era um banhado que agora está todo seco.

Na escola, é importante que haja uma relação entre professores e estudantes e que juntos possam buscar métodos que estejam relacionados com o cotidiano e com a vivência destes estudantes e que, ao mesmo tempo, ampliem as suas possibilidades de construir conhecimento, de interagir com o mundo e de transformar a sua realidade. Conforme descrito nas Diretrizes Curriculares da Educação Básica/Arte:

Um sujeito é fruto de seu tempo histórico, das relações sociais em que está inserido, mas é, também, um ser singular, que atua no mundo a partir do modo como o compreende e como dele lhe é possível participar. Ao definir qual formação se quer proporcionar a esses sujeitos, a escola contribui para determinar o tipo de participação que lhes caberá na sociedade. Por isso, as reflexões sobre currículo têm, em sua natureza, um forte caráter político. Nestas diretrizes, propõe-se uma reorientação na política curricular com o objetivo de construir uma sociedade justa, onde as oportunidades sejam iguais para todos. (PARANÁ, 2008, p. 14):

Sendo assim, a escola é um dos pilares importantes na construção da identidade dos sujeitos do campo. Ela é um espaço de construção das relações sociais (e de seus conflitos), que abriga a diversidade cultural e as diferenças socioeconômicas. Nesse sentido, a escola contribui e muito no processo de formação, transformação e inserção dos sujeitos na sociedade.

Para o professor João Maria, além da música possibilitar uma relação com e entre os conteúdos escolares, ela também desperta a afetividade dos alunos: *“Afetividade que muitas vezes não têm na casa, afetividade entre eles, daí tem que fazer aqui na escola com que eles se sintam bem e que eles levem isso daqui da escola para casa”*. Dessa forma, para além da produção do conhecimento, a música

contribui para os processos de socialização, de autoestima, de acolhimento que o ambiente escolar também precisa desenvolver.

A escola que se espera construir no campo é aquela que não exclui os sujeitos que nele vivem e trabalham, uma escola que não desvaloriza a cultura dos camponeses, quilombolas, assentados, indígenas, ribeirinhos, etc; cultura que têm, muitas vezes, nas danças e cantorias, as marcas da sociabilidade de suas comunidades.

Na entrevista realizada com o acadêmico João Idênio Teixeira (futuro educador do campo)⁵, ele disse que quando estudava na escola Raquel de Queiroz não tinha trabalho com a música: *“há sete anos atrás não tinha nada de música, eles tinham um toca fita e a educação mandava algumas fitas de músicas infantis, e lá de vez em quando meu pai [professor João Maria] colocava tocar música. E música tinha mesmo era na quadrilha, quando tinha festa junina”*.

Segundo João Idênio, seu pai colocava músicas para os alunos ouvirem porque não sabia tocar, mas ele sempre teve vontade de aprender a tocar violão: *“mas devido à questão de oportunidade de tempo e financeiro também, ele não vinha fazer as aulas. O meu maior incentivador para a música foi meu pai”*. Na fala do educando, ele destaca como se deu o processo de aprendizagem, entre pai e filho, em relação ao estudo da música. Ele descreve assim:

O meu pai não sabia tocar violão e, em 2010, quando eu comecei a tocar violão daí ele começou a aprender comigo. As aulas de violão eram de duas formas: uma que era aulas presenciais que eu fazia e outra em forma de apostila, só que meu pai não podia participar das aulas presenciais e eu sou muito preguiçoso pra ler as apostilas, então dava as apostilas para meu pai estudar e eu ia nas aulas presenciais. Então quando eu voltava das aulas práticas, eu sentava com meu pai e um ia ensinando o outro. Ele ia me ensinando a teoria musical, as notas e depois eu ia ensinando a prática. Às vezes, ele sabia a nota que vinha após a segunda, terceira nota, mas não sabia colocar no violão e eu sabia colocar no violão, mas não sabia qual era a nota que vinha depois. Então, pai e filho, um foram ajudando o outro a tocar violão. Depois que ele aprendeu a tocar violão, aí toda a semana ele levava o violão para escola. Então, a plateia dele sempre foi os alunos, ele começou com duas, três notas e foi aumentando.

⁵ O educando João Idênio estudou na Escola Raquel de Queiroz, onde terminou a quarta série. Nessa época, como no Passo Liso não tinha o Ensino Fundamental e Médio, ele foi para Laranjeiras do Sul, estudar no Colégio Floriano Peixoto. Concluiu o Ensino Médio em 2010, ano em que a Escola Raquel de Queiroz cedeu os espaços da escola para o Colégio Estadual Joany Guilherme de Lima.

A pedido do professor, o seu filho João Idênio sempre realizou atividades na Escola Rural Raquel de Queiroz, tanto musicais quanto relacionadas à práticas com tema gerador, sempre na busca de desenvolver um trabalho interdisciplinar. Dentre eles, pode-se destacar a horta escolar e mandala de plantas medicinais.

As atividades planejadas sempre procuravam fazer relação com os conteúdos trabalhados pelo professor João Maria. Nesse planejamento, ou a música retratava o tema central da aula ou finalizava a atividade abordando questões da educação do campo. Numa dessas atividades, ele trabalhou a música *Não vou sair do Campo*, de Gilvan Santos.

Não vou sair do campo
Pra poder ir pra escola
Educação do campo
É direito e não esmola

O povo camponês
O homem e a mulher
O negro quilombola
Com seu canto de afoxé
Ticuna, caeté
Castanheiros, seringueiros
Pescadores e posseiros
Nesta luta estão de pé

Cultura e produção
Sujeitos da cultura
A nossa agricultura
Pro bem da população
Construir uma nação
Construir soberania
Pra viver o novo dia
Com mais humanização

Quem vive da floresta
Dos rios e dos mares
De todos os lugares
Onde o sol faz uma fresta
Quem a sua força empresta
Nos quilombos nas aldeias
E quem na terra semeia
Venha aqui fazer a festa

A letra dessa música retrata a diversidade cultural dos povos e sujeitos do campo, que lutam pelo direito de ter uma escola que seja **do** e **no** campo. Uma escola que respeite e valorize a identidade e a cultura camponesa. Como esse é um

direito garantido por lei, é necessário que todas as condições sejam criadas para que ele se efetive. Para o estudante João Idênio, é importante e é possível trabalhar a cultura camponesa por meio da música. Nas suas palavras:

A música faz parte da cultura da comunidade, e que além de trabalhar a música da região, você pode trabalhar música que eles não conhecem, por exemplo, eu tocava na flauta uma música que eles gostam que, no caso, nossa região aqui é música sertaneja. Eu tocava uma música mais conhecida e tocava no final uma música erudita, eles não têm nenhum conhecimento de música erudita, então estou além de explorar a cultura deles, eu vou além, expandindo outras culturas.

Além de contribuir para a valorização da cultura local no processo de construção e fortalecimento da identidade dos sujeitos do campo, trabalhos como esse, descritos pelo estudante, expandem a percepção de mundo. Esse é um dos papéis da escola, possibilitar que as pessoas tenham acesso a todo tipo de conhecimento, que interajam e se apropriem de todas as linguagens e saberes disponíveis. Esse relato do João Idênio dialoga com as Diretrizes Curriculares da Educação do Campo (PARANÁ, 2006, p.26):

Um desafio está posto à educação do campo: considerar a cultura dos povos do campo em sua dimensão empírica e fortalecer a educação escolar como processo de apropriação e elaboração de novos conhecimentos.

Esse relato dialoga com uma proposta mais ampla da educação do campo, descrita por Caldart (2007, p.74): “o que se quer, portanto, não é ficar na particularidade, fragmentar o debate e as lutas; ao contrário, a luta é para que “o universal seja mais universal”, seja de fato a síntese de particularidades diversas, contraditórias”. É nesse processo de luta que a escola do campo vai se construindo, pensando e visando um projeto maior e diferente de sociedade. Segundo Caldart (2003, p. 66):

Uma escola do campo não é, afinal, um tipo diferente de escola, mas sim é a escola reconhecendo e ajudando a fortalecer os povos do campo como sujeitos sociais, que também podem ajudar no processo de humanização do conjunto da sociedade, com suas lutas, sua história, seu trabalho, seus saberes, sua cultura, seu jeito. [...]. Porque não há escolas do campo sem a formação dos sujeitos sociais do campo, que assumem e lutam por esta identidade e por um projeto de futuro.

Os alunos costumam gostar das músicas trabalhadas pelo professor, eles até ajudam a escolher. Quando não lembram o nome, eles vão falando as palavras e o professor pesquisa a música e leva para eles lerem e cantarem. Segundo o professor, *“a pessoa que passa a música tem que passar como se estivesse vivenciando ela”*, mas é importante ver como ela será trabalhada. Para ele, *“a música pode ser explorada e trabalhada na escola, principalmente as que falem do campo”*. Uma das músicas que os alunos cantaram num dos encontros que participei na escola foi *Meu País*, de Zezé de Camargo e Luciano. O professor procurou discutir o processo de exploração vivenciado atualmente no campo.

Aqui não falta sol
Aqui não falta chuva
A terra faz brotar qualquer semente
Se a mão de Deus
Protege e molha o nosso chão
Por que será que tá faltando pão?

Se a natureza nunca reclamou da gente
Do corte do machado, a foice, o fogo ardente
Se nessa terra tudo que se planta dá
Que é que há meu país?
O que é que há?

Tem alguém levando lucro
Tem alguém colhendo o fruto
Sem saber o que é plantar
Tá faltando consciência
Tá sobrando paciência
Tá faltando alguém gritar

Feito um trem desgovernado
Quem trabalha tá ferrado
Nas mãos de quem só engana
Feito mal que não tem cura
Estão levando à loucura
O país que a gente ama

Feito mal que não tem cura
Estão levando à loucura
O Brasil que a gente ama

Os alunos gostam de cantar, e, além disso, nesta música, eles fazem gestos. De acordo com o professor: *“quando fazem gestos, eles aprendem [mais fácil]”* e, de

certa forma, vão “incorporando” o sentido da música. Eles costumam se apresentar quando recebem visitas na escola e também em outros lugares, inclusive, já se apresentaram em alguns eventos na UFFS.

O acadêmico João Idênio, inspirado por seu pai, relatou que quer ter autonomia de levar a música para a sala de aula, mas que os professores têm dificuldade de fazer isso. Para ele, é possível trabalhar a música relacionando com o conteúdo de matemática, história, biologia, que são, inclusive, áreas de nossa formação. Nas Diretrizes Curriculares da Educação do Campo (PARANÁ, 2006, p. 27), uma das propostas é trabalhar a Interdisciplinaridade:

Anunciar a opção político-pedagógica por um currículo organizado em disciplinas que devem dialogar numa perspectiva interdisciplinar requer que se explicita qual concepção de interdisciplinaridade e de contextualização o fundamenta, pois esses conceitos transitam pelas diferentes matrizes curriculares, das conservadoras às críticas, há muitas décadas.

As disciplinas são os pressupostos para que possa trabalhar a Interdisciplinaridade, o desafio é encontrar o melhor caminho para fazer isso. O acadêmico João Idênio Teixeira relatou uma experiência que teve num curso de Capacitação desenvolvido pelos (as) professores (as) da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) com os professores da Rede Estadual. O tema era como trabalhar os conteúdos de forma Interdisciplinar. Os professores foram divididos em grupo e, no grupo dele, ele sugeriu trabalhar com a música, para fazer as seguintes relações: *“relacionado à Biologia, como o som entra no nosso ouvido e vai sendo processado; na matemática, a forma das notas musicais; na física, por exemplo, a constituição do instrumento e, enfim, a química e matemática são linguagens que reúnem todos os outros elementos.”* Só que os professores não gostaram da ideia e não conseguiam perceber que para trabalhar com música é possível utilizar vários recursos. Além disso, por meio dela é possível levantar várias discussões sobre arte, ciência, política, história, cultura. Para trabalhar com música, não precisa ser músico ou artista.

“Ah, um professor poderia cantar” e uma professora falou: ‘mais eu não sei cantar.’ Eu falei: ‘poderia tocar um instrumento’. ‘Eu não sei tocar instrumento’. ‘A professora poderia levar um rádio’, ‘Faz muito barulho’. ‘Então a professora poderia levar um celular.’ ‘Celular é proibido na escola’. ‘Então a professora podia pegar uma lata e começar bater’. Ai ela falou: ‘ah, isso é ridículo demais’. Ai, enfim, foi escolhido o tema interdisciplinar para trabalhar sobre a bomba atômica. É uma coisa importante sobre a bomba atômica, mas não tem nada a ver com a realidade dos alunos, sem falar que é um conhecimento perdido. Porém é um conhecimento pouco provável que

nos vamos usar, dificilmente vai sair um astro físico ou físico nuclear aqui desta cidade, aonde a maioria são do campo.

A música, de acordo com o acadêmico João Idênio, é ainda um dos processos que se aproxima mais com a realidade dos alunos, fazendo com que eles se identifiquem enquanto sujeitos do campo. Ao se inserir no processo de construção da escola e da educação do campo, como já foi dito, você pode trabalhar a cultura, arte e ciência, pode trabalhar a Interdisciplinaridade:

A música em sala de aula pode trabalhar diversas coisas. No nosso caso, pode trabalhar a matemática e a ciência, mas dá para trabalhar a história, geografia, dá pra trabalhar muitas coisas, e não necessariamente precisa o professor saber cantar ou tocar algum instrumento, pode levar um som, pode levar um vídeo. Nós já temos à disposição, então o que falta para um professor hoje é uma capacitação para ele poder trabalhar com o tema música. Como a gente faz com a horta. Na horta, a professora não sabe plantar, então você faz uma capacitação com ela, né e como esta capacitação vai nos ensinar a cantar e a tocar um instrumento, vai ensinar a trabalhar a música como forma de conteúdo da escola. Você não vai inventar um conteúdo novo para trabalhar a música, pode pegar um conteúdo do PPP da escola e adapta ele para a música servir como um instrumento facilitador da aprendizagem do aluno.

Nesta perspectiva, para trabalhar a música em sala de aula não precisa o professor saber cantar. Atualmente, temos à nossa disposição recursos que permitem desenvolver um bom trabalho. No entanto, é preciso saber usá-los, saber o melhor método e pesquisar um material de qualidade que permita fazer as relações com o conteúdo que vem sendo trabalhado na escola e, da mesma forma, fazer relações com a vida, para além da sala de aula.

É importante ressaltar que não se está diminuindo o trabalho do professor de artes ou do músico, mas a proposta é pensar na música como um recurso a mais para o educador no processo de formação dos educandos, como diz João Idênio: “*ver a música como um instrumento facilitador da aprendizagem do aluno*”. Um exemplo é o trabalho com música no ensino da matemática. De acordo com Abdounur (1999, apud SANTOS JUNIOR, 2015, p.8):

A música produzida pelo tocar de um instrumento ou ouvida por meio de um aparelho de som é matemática, pois o som pode ser interpretado como uma função matemática, a altura musical está relacionada com a frequência, a intensidade com a amplitude da onda, temperamento de uma escala com a progressão geométrica e Serie Harmônica com Series de Fourier. Ainda

podemos acrescentar que o ritmo contido em qualquer música é a soma constante de números inteiros e frações que permitem a contagem de tempos musicais.

Segundo Santos Junior (2015), a música é importante instrumento de motivação para o ensino e aprendizagem da matemática. No entanto, ele questiona a maneira que está sendo abordada pelos professores da rede estadual, onde os conteúdos são voltados somente para apresentação de conceitos e fórmulas, distanciados da realidade dos educandos. Sendo assim, a música faz esse elo de trabalhar com os dois, no qual o professor pode trabalhar com uma música que é voltada com a realidade dos educandos e trabalhar juntamente a matemática. O autor enfatiza:

A educação baseado no diálogo educador-educando, fornece subsídios para a concepção de um discurso horizontal, levando a formação do homem dialógico [...]. É necessário que os profissionais da educação estejam cientes que, hoje, a relação das pessoas com o saber passa por muitas alternativas e fontes de conhecimento, além da escola (SANTOS JUNIOR, 2015, p. 11).

Desta forma, a escola deve atuar de forma que desperte a capacidade de interação do aluno com os outros alunos, pois o ambiente escolar é considerado um espaço importante para a construção e obtenção do conhecimento. Muitas discussões têm sido levantadas acerca do ensino-aprendizagem nas escolas, destacando abordagens do professor para com o aluno na construção do conhecimento, visando à valorização do espaço a ser trabalhado em sala de aula e à articulação e interação entre as disciplinas. De acordo com o autor:

A interdisciplinaridade tem sido utilizada por muitas escolas como um caminho encontrado para alcançar essa valorização em sala de aula, integrando as várias disciplinas que compõem o currículo escolar, mostrando aos alunos que no ensino de ciências pode conter aspectos matemáticos, assim como a educação física podem somar conteúdos da física, da matemática, da biologia, enfim, demonstrando que esses conteúdos se completam se envolvem (SANTOS JUNIOR, 2015, p. 12).

A experiência de trabalho do professor João Maria Teixeira serve de inspiração e motivação para desenvolver práticas educativas que relacionem a música aos conteúdos escolares e à vida dos alunos e de suas comunidades.

Da mesma forma, as atividades que envolvem o trabalho com a música e a interdisciplinaridade, desenvolvidas pelo acadêmico João Idênio, na Escola Raquel de Queiroz, e em outras escolas da região, apontam novas possibilidades de construir conhecimento e novas metodologias de ensino e aprendizagem.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta deste trabalho teve como base as Diretrizes Curriculares da Educação do Campo no estado do Paraná, especificamente o Eixo: Cultura e Identidade. Para discutir esse eixo, tomei por referência o trabalho com música nas escolas do campo numa perspectiva de reconhecimento e valorização da cultura e identidade camponesa.

O trabalho desenvolvido pelo professor João Maria Teixeira, da Escola Raquel de Queiroz, foi o caminho para iniciar essa discussão, que se complementou com as atividades educativas desenvolvidas pelo acadêmico João Idênio. Ao procurar discutir esse tema, também tive a oportunidade de ouvir uma história que entrelaça a vida de pai e filho, vida de dois educadores, que têm buscado encontrar diferentes maneiras de viver a educação e a formação humana no campo.

Segundo Arroyo, Caldart e Molina (2008) é importante pensar em uma educação, e em uma escola, que seja vinculada aos interesses e ao desenvolvimento sociocultural dos diferentes sujeitos que trabalham e vivem no campo. Quanto mais se discute as especificidades do campo, mais se afirma a especificidade da Educação e da Escola do Campo. Sendo que a Educação do Campo nasce com objetivo de questionar e propor uma concepção de escola e de educação que valorize o modo de vida camponês, onde o trabalho, a cultura, a organização social, a luta pela terra, a história do povo ocupam um lugar importante nos processos educativos.

Ao trabalhar com a identidade e a cultura camponesa, a escola vai se construindo entre raízes e projetos. A música, nessa relação, vai provocando uma reflexão mais crítica sobre a realidade do campo, sobre a educação, sobre as políticas voltadas ao meio rural e sobre as lutas históricas do campesinato.

O trabalho com música nas escolas do campo pretende, dentre outras coisas, despertar para novas possibilidades de leitura do campo. A partir da história presente nas canções, do imaginário que retrata do campo e de seus sujeitos, das críticas quanto à exclusão e exploração sofridas pelas populações rurais, é possível questionar o modelo de atraso ao qual o rural sempre esteve associado.

De acordo com trabalhos desenvolvidos em relação à música, ela é um fator importante no processo de motivação do ensino aprendizagem dos alunos. Conclui-

se, então, que a música é um elemento que pode sim ser trabalhada em sala de aula. Como futura educadora, desejo incorporar o trabalho com música no cotidiano escolar, buscando relacioná-la aos conteúdos a serem ensinados na escola.

5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES-ROCHA, Maria I. Formação de docentes para atuação nas escolas do Campo: Lições aprendidas com as Escolas Normais Rurais. In: MUNARIM, Antonio et al. (Orgs). **Educação do Campo**: Reflexões e perspectivas. Florianópolis: Insular, 2010.

ARROYO, Miguel G.; CALDART, Roseli S.; MOLINA, Monica C. (Orgs.). **Por uma educação do campo**. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

BELTRAME, Sonia Aparecida Branco; CARDOSO, Terezinha Maria; NAWROSKI, Alcione. Educação do campo e práticas pedagógicas. In: MUNARIM, Antônio et al. (Orgs.). **Educação do Campo**: políticas públicas, territorialidades e práticas pedagógicas. Florianópolis: Insular, 2011.

BOGO, Ademar. **O MST e a Cultura**. 3. ed. São Paulo: MST, 2009.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. **Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo**. Brasília, 2001.

CALAZANS, Maria Julieta Costa. Para Compreender a Educação do Estado no Meio Rural: traços de uma trajetória. In: THERRIEN, J.; DAMASCENO, M. N. **Educação e escola no campo**. Campinas: Papirus, 1993.

CALDART, Roseli Salete. A escola do campo em movimento. **Currículo sem Fronteiras**, v.3, n.1, p.60-81, jan./jun. 2003.

CALDART, Roseli S. **Elementos para Construção do Projeto Político e Pedagógico da Educação do Campo**. 2008

CALDART Roseli Salete. **Sobre Educação do Campo**. Luziânia, Goiás. In SANTOS, Maria Aparecida. **Por uma Educação do Campo: campo, políticas Públicas e Educação**. Brasília, Incra; MDA, 2008.

CALDART, Roseli Salete. Educação do campo. In: CALDART, Roseli Salete et al. (Orgs.) **Dicionário da educação do campo**. Rio de Janeiro: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio; São Paulo: Expressão Popular, 2012.

CHAVES, Edilson Aparecido. **A música caipira em aulas de história: questões e possibilidades**. Curitiba: [s.n.], 2006.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia de autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra 2000.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. Superintendência da Educação. **Diretrizes Curriculares da Educação do Campo**. Curitiba, 2006.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. **Diretrizes Curriculares da Educação Básica Arte**. [Curitiba], 2008.

RIBEIRO, Marlene. Educação Rural. In: CALDART, Roseli Salete et al. (Orgs.). **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio; São Paulo: Expressão Popular, 2012.

SANTOS JUNIOR, Ademir Medeiros dos. **A importância da música como instrumento motivador para as aulas de matemática**. 2015. 60 f. Dissertação (Mestrado em Matemática) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Programa de Pós-Graduação Matemática em Rede Nacional, Campo Grande, 2015.

SARAIVA, Regina Coelly Fernandes. A cultura não é a cereja do bolo: reflexões sobre cultura, memória e identidade. In: VILLAS BÔAS, Rafael Litvin; PEREIRA, Paola Masiero. **Cultura, arte e comunicação**. São Paulo: Outras Expressões, 2015.

SOUZA, Maria Antônia de. **Educação do Campo: propostas e práticas pedagógicas do MST**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

6 APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO

- 1) É realizado algum trabalho ou atividade com a música na escola? Quem realiza esse trabalho? Como ele é feito?
- 2) O trabalho com a música faz parte de algum programa ou está incorporado ao currículo? Se sim qual objetivo?
- 3) Como essa atividade pode contribuir para levantar discussões sobre o campo e a cultura camponesa?
- 4) Como é feita a escolha das músicas? Como elabora os exercícios relacionando-os à letra da canção?
- 5) Quais as possibilidades de relacionar arte e ciência?
- 6) Como os estudantes “reagem” em relação às músicas propostas pelo professor?
- 7) Como os alunos participam na escolha das músicas
- 8) Como a música/arte poderia contribuir para que haja uma relação entre as escolas Raquel de Queiroz e Joany Guilherme de Lima?